

Serejo e os Ervais

RAQUEL NAVEIRA - Cadeira nº 8 da ASL

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras fez recentemente uma homenagem (vide foto ilustrativa) ao escritor, jornalista e folclorista Hélio Serejo, que nasceu em Nioaque em 1912 e faleceu em Campo Grande em 2007. Com o intuito de estudar engenharia, Serejo alistou-se no 3º Reg. de Infantaria, no Rio de Janeiro e foi preso em 1935, durante a Intentona Comunista. Até provar sua inocência, permaneceu detido na Ilha das Flores por seis meses, sendo excluído do Exército. Retornando a Mato Grosso, trabalhou como fiscal, escrivão e jornalista. Ficou residência em Presidente Wenceslau, em 1948. Antes trabalhou como ervateiro. Foi assim que conheceu o universo de sua gente da fronteira, retratada em suas obras com amor e compaixão. Foi membro de diversas instituições, dentre as quais o IHGMS e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Foi uma noite de leitura de textos, poemas, trechos de contos, fotografias, músicas, num espetáculo orquestrado pelos escritores/palestrantes Rubenio Marcelo, Henrique Medeiros e Ileides Muller. A presença da escritora Helita, filha de Serejo, trouxe grande emoção para um público sensível e interessado. Resgatei então este meu texto escrito em memória de Hélio Serejo, que transcrevo abaixo: ERVAIS

Outro grande tema regionalista é o drama dos ervais. O gaúcho Tomás Laranjeira, auxiliar da comissão de limites do governo imperial, logo após a Guerra do Paraguai, palmilhando a matéria da serra de Maracaju, observou as árvores de erva-mate, que apareciam exuberantes até o Apa. Trouxe então gente do Rio Grande do Sul e iniciou a exploração das matas de erva-mate, empregando também os paraguaios. A erva-mate, exportada para o Uruguai e a Argentina, dava muito lucro e assim foi fundada a Companhia Mate Laranjeira, tendo como sócios políticos influentes, os irmãos Murtinho.

Na esteira do desenvolvimento da Companhia Mate Laranjeira surgiram vários núcleos populacionais que se tornaram cidades deste sul de Mato Grosso: Ponta Porã, Porto Murtinho, Nioaque, Bela Vista. Hernâni Donato (1922-2012), escritor e historiador que pertenceu à Academia Paulista de Letras e à ASL, escreveu o romance Selva Trágica, focalizando os conflitos na região ervateira, um vivo



FOTO: ATALIBA MULLER

Escritores Henrique de Medeiros, Rubenio Marcelo e Ileides Muller, em palestra na ASL, sobre obra de Hélio Serejo

“Serejo trabalhou como ervateiro... foi assim que conheceu o universo de sua gente da fronteira, retratada em suas obras com amor”

quadro da tragédia dos homens escravizados pela extração da erva-mate, mergulhados no “inferno verde”, bruto e absurdo. Hélio Serejo, nosso folclorista, registrou com alma várias passagens pungentes ocorridas nos ervais e foi assim, inspirada nos seus livros *Vida de Erval* e *Homens de Aço*, que escrevi o poema “Vida de Erval”.

*Os ervais se estendem como um manto,
Muralha verde e movediça,
Cada folha é a vida de um homem
E todas juntas contam a história deste sul,
Deste Estado calçado em sangue e clorofila.
No mesclado vegetal o ervateiro é rude,
Puro músculo de tigre,
Mas na noite profunda e silenciosa
Sabe embalar o filho
E amar com ternura a mulher guarani.*

*Pela manhã, madrugada ainda,
Sonda o tempo: o verão torra a terra,
Urutau, ave do sol,
Pousa sobre as erveiras arredondadas.
Ao trabalho! Não importa o sacrifício,
O que vale é o mate;
Não importa a liberdade, o que vale é a produção;
O patrão tem chicote de lagarto papo-amarelo
Para arrebentar todos os órgãos e sonhos.
Se tem baile, por um momento esquece a luta;
Quanta fita encarnada, quanta chica bonita!
Mas por ciúme ou desdita, pode haver quebra-quebra,
Sururu bravo e acabar em defunto,
Em peito aberto a navalha como um cravo colorado.
Se a tarde ameaça chuva,
Os espíritos caminham no lusco-fusco:
É o duende que vem na garoa,
É a alma feminina do fogo e da erva-mate;
Onde a estrela d'alva com seu leite, sua benção branca?
No pequeno cemitério da fronteira,
Povoado de cruzeiros esqueléticos,
Trançadas por tiras de pano que lembram rotos sudários,
Há tantas vítimas, tantos heróis, tantos carrascos...
E lá, onde começava o manto dos ervais
Ainda se ouvem os gritos de ira e entusiasmos dos ervateiros.
O fim do monopólio da exploração dos ervais é prova de que os empreendimentos humanos são passageiros. Que o poder terreno é ilusão verde que se dissolve na mata.*

Coincidências

SÉRGIO FERNANDES MARTINS - Cadeira nº 32 da ASL

Não acredito em coincidências, mas que elas existem. Após vencer uma série de dificuldades, especialmente de saúde, meu pai, no final da década de 1950, viu-se obrigado a mudar de São Paulo para o Rio de Janeiro.

Obedecendo orientação médica, trocou a garoa paulistana pelo sol carioca, para, radicado no Rio, concluir o curso de Direito. Instalado na Cidade Maravilhosa, juntou-se, em pouco tempo, a outros estudantes do Sul do então Estado de Mato Grosso uno e acabou por ser eleito na chapa presidida por Ruben Figueiró para a AME, Associação Mato-Grossense de Estudantes. Cumprindo as funções de Secretário recebeu a incumbência do Presidente de entregar as carteirinhas de filiação para quatro moças, filhas de uma senhora viúva que acabara de se mudar para o Rio, vindas de Ponta Porã. Figueiró, premonitório, admoestou: “Olha, Sérgio, se der casamento, serei padrinho”.

Meu pai não conhecia a futura sogra nem as filhas, mas a probabilidade de um rapaz solteiro, perdido, à época, na Capital do País, nascido, e criado na região da fronteira, juntar os trapos com uma das quatro moças, em idade casadoura, vindas diretamente de Ponta Porã, não era nada desprezível. Não deu outra. Elisabete, minha mãe, era a terceira filha e as núpcias ocorreram no Rio poucos meses antes da formatura do meu pai. Foram padrinhos de casamento, entre outros, o casal Paulo Coelho Machado e Zilá. De Ruben Figueiró, casado com Cléia, formado um ano antes e já morando em Campo Grande, os noivos receberam um telegrama: “Impossibilitados comparecer enlace, seremos padrinhos primeiro filho”.

Meu pai formou-se e, casado, estabeleceu-se como advogado em Dourados no ano de 1960. Ruben Figueiró de Oliveira e Cléia Ceres Fialho de Oliveira são meus padrinhos. Assim consta da minha Certidão de Batismo. Tudo isto, eu, o afilhado, atesto e dou fé.

Uma mudança

ZORRILLO DE ALMEIDA (1927-2009) - pertenceu à ASL

Meu pai era barbeiro. E seu local de trabalho era em nossa própria casa. Era uma barbearia modesta, com uma cadeira de madeira. Ele sonhava em adquirir uma daquelas de aço, bonitas, confortáveis, reluzentes, reclináveis e modernas e com movimento giratório. Isto, entretanto, não passava de um sonho e estava longe de ser uma possibilidade.

A mim próprio causava-me uma grande admiração contemplar a prateleira subjacente ao espelho. Nela espalhavam-se pinéis de pelo macio, tesouras, navalhas suecas e alemãs da marca Solingen, uma bacia pequena para espuma de sabão e afiadores. Como eu gostava de brincar com aquele afiador bem leve! Os entendidos diziam que ele era feito de raiz de Timbaúba. Havia também um afiador de couro onde a navalha era passada, de um extremo ao outro, em vai e vem. Encontravam-se, ainda, frascos de perfume e vidros de brilhantina, para os mais vaidosos, e um vaporizador com a bombinha de borracha para esguichar água perfumada no cabelo dos fregueses. Via-se, além disso, pedaços de pedra-ume para cortes eventuais no rosto de algum de barba dura.

Para mim, contemplar todos os objetos da prateleira, refletidos no grande e bonito espelho, era um espetáculo mágico. O espelho era muito bom e não deformava as imagens. Papai era um barbei-

ro muito hábil e competente. Ninguém trabalhava melhor e mais rápido do que ele. Como grande parte dos barbeiros, era muito conversador. Parece que fazia parte da profissão entreter os fregueses com conversa. Nas horas vagas, jogava firo ou dama, com algum desocupado que se demorasse para dois dedos de prosa.

Como morávamos em casa alugada tivemos, um dia, que nos mudar. Então tudo foi retirado dos lugares e posto no chão, para ser acomodado em caixotes e caixas. A barbearia foi desmanchada e os seus pertences espalhados pelo chão. O espelho saiu do seu lugar de honra e foi colocado na parede refletindo a desarrumação.

Como as portas da casa estavam todas abertas, para facilitar o movimento, incluindo a da cozinha, que dava para o quintal, o galo que nós criávamos saiu do terreiro e foi fazer um reconhecimento da casa. Examinou a cozinha onde parece não ter encontrado o que procurava e foi andando. Passou pelo corredor e chegou à sala. Revirou os olhos para um lado e para o outro e, de repente, deu com os olhos naquele galo altivo, de plumagem colorida, com a crista levantada e balouçante a desafiá-lo. Não teve dúvidas. Partiu para cima do rival que ousava invadir o seu reino e enfrentá-lo. Arremeteu de bico e de esporão para vencer e subjugar o adversário. A imagem reflexa imitou o galo por pouco tempo, logo se estilhaçou em inúmeros pedaços, para decepção do valente galináceo e desespero de meu pai.

+POESIAS

Hoje quero
relembrar Serejo
(ao saudoso amigo Hélio Serejo)

Hoje eu quero lembrar Serejo
e com ele também ser
um *cruxa-campo* e *trota-mundo*
em rondas sertanejas...
Quero escutar ao longe
o tropel renitente de incerto destino
chegando mais perto
e anunciando que um índio haragano
das tribos revoltadas
ainda tece a sua ‘oração xucra’
buscando no farol divino
a azul certeza de um novo dia...
Hoje quero lembrar Serejo:
dividir com ele um mate-amargo
e um mote amigo...
com ele trilhar caminhos
[...os mesmos novos caminhos...]
ouvindo sagas ervateiras,
entre serras e terras,
em veredas sem fuga
ou ao sol aberto de um campo largo...
Quero com Serejo
compor versos nativos e reviver a fé
na cadência de cantigas sem ritos...
E, disfarçando o meu soluço,
quero afinal renovar o velho abraço
o fraterno abraço... transcendental
guardado no coração
ainda alheio ao juízo final.

RUBENIO MARCELO

Das Palavras

as palavras transformam pedras em cinzas.
e como punhais, enfartam corações.
dificultam emoções
caminham majestosas
pelas ruas e pelas luas
a distribuir mentiras piedosas.

há quem delas vive
o poeta, por exemplo.
o contador de histórias
o acusador e o réu
o amante alvissareiro e o tolo bajulador.

ah! as palavras!
quanto já falaram e falam de ti!
mesmo assim ainda tens poeira
poeira atravancando as veredas
as verdades a espalhar enganos
e os enganos, quimeras!

ANA MARIA BERNARDELLI

Virada nos caminhos

Como é lindo sonhar com meigas rosas
E, ao despertar, revê-las estampadas
- mais vivas, mais viçosas, mais coradas -
Nas faces, aos meus beijos, perfumosas!...

Como é bom conversar sublimes prosas,
De amor sonhar nos tudos e nos nadas...
Depois, as almas ternas e caladas
Dos sonhos despertarem-se dengosas!

Quantos sonhos, amor, em nossas vidas
Só nos tangendo a solidões doridas
Que, separados, vinham-nos ao peito!...

Agora, que virada nos caminhos!
Já podemos gozar nossos carinhos
E juntinhos sonhar no mesmo leito!

GERALDO RAMON PEREIRA

Crivos de um poema

O sol que filtra o papel
como crivos de um cinzel
na fresta estreita da sala
amarela a cela e exala.
Borda o tempo imaculado
num silêncio perpetuado.
Vai regando letras quentes
em súplicas tão clementes.
Ora abranda suave em mel
letras fluidas em fagulhas
feito música lá do céu.
No papel... Iluminura!
Um raio cálido e fúlgido
recai cintilando em fonemas.
Na fresta se esvai, sem ruído,
e ficam crivos de um poema!

ELIZABETH FONSECA